

A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

1. A importância da formação dos catequistas nasce da convicção de que qualquer actividade pastoral, se não for realizada com pessoas bem formadas e preparadas, põe em risco o seu sucesso. Mais: os instrumentos de trabalho colocados à disposição da pastoral catequética, se não forem utilizados por catequistas bem formados, não são verdadeiramente eficazes, pelo que “uma adequada *formação dos catequistas* não pode ser descuidada em proveito da actualização dos textos e de uma melhor organização da catequese”(DGC 234).

Ao catequista deve proporcionar-se uma formação que, partindo da profissão de fé baptismal, ofereça uma exposição orgânica e sistemática dos conteúdos fundamentais da fé e da vida cristã. Deve colocar-se ao seu alcance uma formação teológica que o ajude a consolidar a fé recebida, lhe proporcione certezas básicas dessa fé e o prepare para ser *testemunha* e transmissor da mesma. A tarefa de comunicar a fé recebida é realizada nas comunidades concretas de cada catequista, onde, preferencialmente, se deve realizar também a sua formação. Isto, sem esquecer que cada catequista é membro da Igreja universal, pelo que a formação deve ser realizada na unidade da fé da Igreja de modo que o ajude a crescer na comunidade eclesial.

Esta formação tem como objectivo dar a capacitação adequada aos catequistas “para transmitirem o Evangelho àqueles que desejam entregar-se a Jesus Cristo. Portanto, a finalidade da formação requer que o catequista se torne o mais idóneo possível, para realizar um acto de comunicação: ‘o objectivo essencial da formação catequética é tornar o catequista apto para a comunicação da mensagem cristã’(DGC 235).

2. A Igreja necessita, hoje, de uns catequistas concretos, em função do quadro cultural que vivemos, onde se torna evidente a necessidade de uma nova evangelização. São precisos catequistas que saibam situar-se no marco cultural e religioso da evangelização dos já baptizados, mas afastados da fé, e daqueles que não conhecem Jesus Cristo, mas estão numa atitude de busca. Deve ter em conta as necessidades evangelizadoras dos dias de hoje, com os seus valores, sombras e desafios. Para responder a este desafio são necessários catequistas com uma fé profunda, com uma clara identidade cristã e eclesial, com preocupação missionária e com profunda sensibilidade social(cf DGC 237).

Assim, ao longo da formação, o catequista deve ver favorecida a sua vida de *fé*, a sua comunhão com Jesus Cristo, para saber, depois, ser companheiro de caminho daqueles que a Igreja lhe confiar, num itinerário catequético. A “unidade e harmonia do catequista deve ler-se desde esta perspectiva cristocêntrica e há-de construir-se à base de uma ‘familiaridade profunda com Cristo e com o Pai’, no Espírito. Nunca se insistirá bastante neste ponto, se se quer renovar a figura do catequista, neste momento decisivo para a missão da Igreja”(GCM 20). O catequista há-de ser capaz de dar testemunho da sua fé e de responder aos anseios mais profundos do coração humano, que é a sede de absoluto.

3. Os catequistas que a Igreja de hoje precisa, para além de uma fé profunda, devem manter com firmeza a sua *identidade cristã e eclesial*. Num mundo marcado pelo pluralismo de formas de pensar e de viver, onde a uniformidade já não existe, a Igreja precisa de catequistas firmes nas suas convicções cristãs e que sejam capazes de transmitir essas convicções, para que os catequizandos sejam capazes de confessar a sua fé e dar razões da sua esperança, que está fundamentada em convicções sérias provenientes dos valores evangélicos. Deste modo, o “facto de a formação procurar tornar o catequista apto para transmitir o Evangelho em nome da Igreja confere uma dimensão eclesial a toda a formação”(DGC 236). Ao longo da sua formação, o catequista há-de ser ajudado a inserir-se na consciência viva e actual que a Igreja tem do Evangelho, tornando-se assim apto para transmitir essa Boa Nova, em nome da Igreja, participando do desejo que esta tem de anunciar a todas as gerações o tesouro que ela guarda e transmite íntegra e totalmente: a fé. O catequista deve também possuir uma profunda sensibilidade social, amando cada catequizando a partir de Jesus Cristo. É esse amor por cada ser humano que faz com que se apresente Cristo, o Mistério esclarecedor do mistério humano, e n’Ele se descubra a vocação sublime de cada ser humano(cf GS 22).

4. A formação do catequista também deve ter presente o conceito de catequese que a Igreja apresenta. Então, “trata-se de formar catequistas, para que sejam capazes de transmitir, não apenas um ensino, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo ‘tarefas de iniciação, de educação e de ensino’.(...) São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas”(DGC 237).

A catequese que o catequista é chamado a realizar é a de uma autêntica iniciação ordenada e sistemática à revelação divina, que Deus realizou com o homem, em Jesus Cristo, e conservada na Igreja através da Sagrada Escritura e da Tradição. Esta revelação é anunciada de geração em geração através de uma *traditio* viva, da qual o catequista é parte integrante(cf DGC 66). A catequese de iniciação, dentro do processo evangelizador, é o momento em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, num esforço de fundamentação dessa primeira adesão(DGC 63). Claro que, no contexto em que hoje vivemos, o catequista terá também que suscitar a conversão à fé inicial daqueles que se aproximam da catequese e de alimentar a fé daqueles que já concluíram a iniciação cristã.

5. Vejamos, agora, as áreas em torno das quais se deve conjugar a formação dos catequistas, que são a qualificação espiritual, qualificação doutrinal, qualificação nas ciências humanas e qualificação pedagógica. O *Directório* reúne estas características em torno do *ser, saber e saber fazer* do catequista(cf DGC 238-245). Mas é a própria vocação profética a que exige ao catequista uma sólida espiritualidade eclesial, uma preparação doutrinal e metodológica séria, uma comunhão constante com o Magistério e um profundo amor a Deus e ao próximo.

6. A formação do catequista deve ter presente o objectivo de alimentar e robustecer a sua fé, ajudando-o a crescer como crente, ou seja, a sua *qualificação espiritual*. Deste modo, “a verdadeira formação alimenta, sobretudo, a *espiritualidade* do próprio catequista, de maneira que a sua acção nasça, na verdade, do testemunho da sua própria vida”(DGC 239). O facto de o catequista ser um educador na fé implica-o numa intensa vida espiritual, sendo este o aspecto culminante e mais valioso da sua

personalidade e, portanto, a dimensão preferencial da sua formação: “O verdadeiro catequista é o santo”(João Paulo II).

O crescimento espiritual do catequista há-de ser conseguido através de uma comunhão de vida e de amor com o Senhor Jesus, que chama e envia cada catequista. “É somente em profunda comunhão com Ele que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese”(CT 9). A formação espiritual desenvolve-se num processo de fidelidade Àquele que é o princípio inspirador da obra catequética e àqueles que a realizam: o Espírito do Pai e do Filho, o Espírito Santo.

O modo como este crescimento espiritual se há-de alcançar é sobretudo através de uma intensa vida sacramental e de oração, pessoal e comunitária. Este objectivo geral concretiza-se, depois, numa participação regular na Eucaristia, se possível também nos dias feriais, por uma atenção ao sacramento da Penitência que há-de purificar interiormente e robustecer com o ânimo do Espírito.

Além da vida litúrgica, a vida de oração será uma preocupação diária, quer pela meditação diária e pela oração pessoal, quer pela recitação do rosário e demais devoções marianas, pois Maria é o catecismo vivo, mãe e modelo dos catequistas(cf CT 73). Sempre que possível, também se devem proporcionar retiros espirituais, pois “só alimentando a vida interior com uma oração abundante e bem feita, o catequista pode conseguir o grau de maturidade espiritual que a sua missão exige. Como a adesão à mensagem cristã, que em última instância é fruto da graça e da liberdade, e que não depende da habilidade do catequista, é necessário que a sua actividade esteja acompanhada pela oração”(GCM 22).

O facto de a formação dos catequistas se realizar normalmente em grupos não pode ser motivo para se descuidar uma atenção particular a cada um, um acompanhamento personalizado. Também se deve ter em conta a direcção espiritual. Na medida do possível, cada catequista deve procurar um sacerdote que lhe seja próximo e com o qual possa ser seguido no seu crescimento espiritual.

7. O catequista é uma testemunha da fé, mas é também um mestre, um educador que ensina a fé. Por isso, a *qualificação doutrinal* ou bíblico-teológica, há-de oferecer-lhe um conhecimento orgânico da mensagem cristã. Esta articula-se em torno do mistério central da fé, que é Jesus Cristo(cf DGC 240).

O conteúdo dessa formação está organizado em dois grandes núcleos: a história da salvação e a mensagem cristã. A história da salvação compreende três momentos: o Antigo Testamento, a vida de Jesus Cristo e a história da Igreja, quer a nível global, quer do próprio país ou da Igreja local. Os grandes núcleos da mensagem cristã estão divididos nos quatro pilares da catequese: o Símbolo, a liturgia, a vida moral e a oração. O *Catecismo da Igreja Católica* há-de ser o ponto de referência fundamental para uma formação doutrinal capaz de dar a conhecer a fundo o conteúdo essencial da doutrina cristã, para que seja “comunicado de modo claro e vital, sem lacunas ou desvios”(GCM 23). Este Catecismo é um “instrumento válido e legítimo ao serviço da comunhão eclesial, e uma regra segura para o ensino da fé”(FD 4). Uma vez que estamos vivendo num contexto cultural adverso e exigente, é preciso ter consciência que não é suficiente dar uma resposta vaga e imprecisa a quem pergunta pelas razões da nossa fé, antes urge

uma resposta lúcida e verdadeira, centrada no essencial e com uma linguagem acessível à mentalidade hodierna.

A Sagrada Escritura deverá ser a matéria principal de ensino e constituir a alma de todo o ensino doutrinal(cf DV 24). É em torno da Sagrada Escritura que se devem articular todas as disciplinas do saber teológico, de forma que o catequista seja formado numa pastoral bíblica.

Esta formação doutrinal deve, pois, ser sintética, corresponder ao anúncio a transmitir; e, nela, os diferentes elementos da fé cristã devem aparecer bem estruturados e harmonizados entre si, numa visão orgânica que respeite a hierarquia das verdades, ajudando o catequista a amadurecer na sua fé e, ao mesmo tempo, a tornar-se capaz de dar razão da esperança em tempo de missão. Esta formação deve ser dada em estilo catequético, num ambiente o mais próximo possível da realidade em que os catequistas vão trabalhar(cf DGC 241).

8. Em ordem ao exercício da sua missão, o catequista deve conhecer a pessoa a quem se dirige e a realidade em que esta vive e deve possuir uma *qualificação nas ciências humanas*, tal como ensina o Concílio Ecuménico Vaticano II: “Na actividade pastoral, conheçam-se e apliquem-se suficientemente, não apenas os princípios teológicos, mas também os dados das ciências profanas, principalmente da psicologia e sociologia, para que assim os fiéis sejam conduzidos a uma vida de fé mais adulta”(GS 62). Na formação dos catequistas deve, pois, procurar-se o conhecimento de alguns elementos fundamentais da psicologia: “os dinamismos psicológicos que movem a pessoa; a estrutura da personalidade; as necessidades e as aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia religiosa e as experiências que abrem a pessoa ao mistério do sagrado”(DGC 242).

Deve também ter-se presente que a cultura envolvente influencia muito a pessoa, pelo que é necessário conhecê-la. Este conhecimento vem através das ciências sociais, pelo que também estas devem ser contempladas num processo formativo. O objectivo desta formação é que o catequista seja capaz de programar a sua actividade, a sua intervenção educativa. O catequista deve ser capaz de levá-la a cabo com os próprios destinatários, pondo estes em situação de captarem a presença e a acção de Deus dentro da sua vida e da história da humanidade, assim como ajudando-os a responderem positivamente às Suas chamadas. Este tipo de conhecimentos favorecerá o catequista a ponto de lhe permitir não só responder às buscas do homem, no campo religioso, mas também dar um testemunho mais vivo e qualificado, capaz de dizer Deus na sua totalidade, sem lacunas, mesmo quando o catecúmeno não realiza a pergunta explicitamente, tendo latente a sua capacidade de escuta. Trata-se, em suma, de respeitar o ritmo do ser humano, no anúncio da Boa Nova. Mais, este respeito obriga a que não se fique por meras teorias, mas sim que se veja cada catecúmeno na sua circunstância.

Para terminar, referimos que o objectivo da formação de catequistas não é fazer ‘técnicos de catequese’, pelo contrário, tudo deve tender para a experiência concreta, para fazer amadurecer no catequista a arte de fazer catequese, uma arte que é a síntese das capacidades para o apostolado, do conhecimento da fé e dos homens destinatários do anúncio.

9. A *qualificação pedagógica* do catequista deve ter bem presente que este se prepara para facilitar o crescimento de uma experiência de fé, da qual ele não é dono, antes colaborante na acção de Deus, que depositou a semente da fé no coração de cada catecúmeno. Por isso, “o catequista é um educador que deve acompanhar o amadurecimento da fé, que o catecúmeno ou catequizando realiza com a ajuda do Espírito Santo”(DGC 244), pelo que o dever do catequista é unir a dimensão intelectual e espiritual. “Existe um único Mestre, o catequista deve estar consciente de que apenas o Senhor Jesus ensina, enquanto que ele o faz ‘na medida em que é seu porta-voz, permitindo que Cristo ensine pela sua boca’”(GCM 23).

Por isso, para além das ciências humanas que oferecem um precioso contributo à catequese, “há também uma pedagogia da fé; e nunca será demais tudo o que se disser sobre o que essa pedagogia pode contribuir para a catequese. É normal que se adaptem à educação da fé as técnicas aperfeiçoadas e comprovadas da educação em geral. No entanto, importa ter em conta, em cada momento, a originalidade própria da fé. Na pedagogia da fé, não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, por mais elevado que se considere; trata-se de comunicar na sua integridade a Revelação de Deus”(CT 58). O próprio Deus, ao longo da história da salvação, usou e deu a conhecer a sua própria pedagogia, que deve ser o modelo para a pedagogia da fé. Assim, um catequista bem preparado é aquele que possui um estilo próprio de fazer catequese, com metodologias e didácticas de que se serve para comunicar uma mensagem de que é testemunha, sem centrar a sua formação no conhecimento e domínio de uma só metodologia. A variedade e complementaridade de técnicas, instrumentos e métodos constitui uma riqueza cujo valor é incalculável para os fins da catequese.

A formação catequética ajudará, pois, o catequista a “amadurecer a sua capacidade educativa, o que implica: a faculdade de ter atenção para com as pessoas, a habilidade para interpretar e responder à pergunta educativa, a iniciativa para pôr em acção processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano até à maturidade”(DGC 244).

10. Isto tem implicações no modo como se deve realizar a formação pedagógica dos catequistas. Esta deve ter presente que eles devem ser protagonistas da sua própria aprendizagem, para que a formação seja criativa e não o mero assimilar de regras externas. Assim, a formação deve ser muito próxima da prática: é preciso partir desta para chegar àquela, reflectindo sobre ela. Esta formação será tanto mais rica quanto mais se nutrir com a experiência, enriquecendo-se com confrontações, programadas e guiadas, com as situações eclesiais, culturais e sociais locais. Deve também ser integral e dialógico, ou seja, que procure o desenvolvimento da pessoa em todos os seus aspectos e valores, numa profunda inter-relação entre a pessoa e Deus e do formando com o formador e a comunidade(cf GCM 28).

11. Este modo de transmitir a fé inspira-se, pois, em Jesus Cristo, o que leva o catequista a transmitir a fé a partir da sua própria experiência religiosa, através do seu testemunho. Pelo testemunho, o catecúmeno há-de receber do catequista e perceber nele aquilo que o faz viver, que o anima: a fé. O anúncio do catequista está apoiado pelo testemunho teológico da sua própria vida(cf EN 46).

O catequista, porque animado pela sua fé que não pode calar, tem uma constante preocupação missionária, que o leva a anunciar Cristo, dando razões da sua fé,

convidando quem o escuta a definir-se, a optar e a comprometer-se com Aquele que é anunciado.

Luís Miguel FIGUEIREDO RODRIGUES

luis@diocese-braga.pt

Bibliografia

COMISSÃO EPISCOPAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, ed. SNEC, Lisboa 1997.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *O Catecismo da Igreja Católica e a sua utilização pastoral. Instrução Pastoral*, Edição do Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa 1994.

CAÑIZARES, A.; CAMPO, M., *Evangelización, Catequesis, Catequistas*, ed. EDICE, Madrid 1999.

FAYOL-FRICOUT, A.; PASQUIER, A.; SARDA, O., *L'initiation Chretienne. Demarche catéchumènal*. Cahiers de l'ISPC, Paris 1991.

ABREU, E. H.; ALBEROLA, C., *Catequistas de la Iglesia*, ed. Siquem, Valencia 1999. Catequistas Siglo XXI, 1.